Veja — *Musicalmente, o senhor está satisfeito com os resultados do grupo?*

Barenboim — A West-Eastern Divan foi idealizada para ter grande rotatividade em seus quadros. Nossos jovens músicos vêm de diversos países para temporadas de trabalho que duram em média dois meses. Apesar de o período ser curto, conseguimos revelar artistas talentosos. Cito o caso de Tamar, flautista libanesa. Ela mal tinha saído do conservatório quando chegou aqui. Hoje, desempenha um papel importantíssimo nas nossas execuções da *Primeira Sinfonia* de Mahler. Alguns músicos saem daqui para atuar nos principais grupos sinfônicos do mundo. Outros voltam para casa com um nível de execução muito melhor. Said morreu em 2003. Gostaria de poder encontrá-lo e dizer: "Veja, amigo, como nosso sonho se transformou nessa beleza de orquestra".

Veja — *Quais são os desafios apresentados pelo dia-a-dia da orquestra?*

Barenboim — No começo, houve dificuldades. As tensões entre Israel e a Palestina tinham se agravado em 1999, quando inauguramos o projeto, e o clima era pesado. Havia preconceitos a vencer. Alguns músicos judeus mostravam descrédito diante da idéia de instrumentistas árabes. Mas as barreiras caíram nos ensaios. Quando uma orquestra está em ação, ninguém consegue diferenciar etnias. Todos são iguais diante de Beethoven. A partir daí, nasceram vínculos pessoais. Os músicos perceberam que tinham gostos e costumes em comum. A orquestra tem uma oboísta israelense chamada Meirav Kadichevski. A melhor amiga dela é uma violinista palestina. Outro oboísta, Mohamed Saleh, veio do Egito e é muçulmano. Ele mora em Berlim e divide o apartamento com dois instrumentistas judeus. Os novos membros da orquestra se deixam contagiar por esse clima e acabam fazendo amizades. Os maiores desafios, hoje em dia, vêm de fora. Músicos sírios e egípcios muitas vezes desafiaram o governo de suas nações para tocar conosco. Músicos judeus também sabem que podem sofrer represálias. Todos mostram uma dose de heroísmo para fazer aquilo em que acreditam.

Veja — *Em paralelo às atividades na orquestra, o senhor também mantém uma escola de música em Ramallah. Qual a importância dela?*

Barenboim — Acredita-se que a música está sempre ao alcance de todos, mas há certos lugares do mundo carentes de informação e de espaços onde as pessoas possam usufruir a música. Ramallah é um desses lugares. Eu o visitei pela primeira vez em 1995, levado por Edward Said, e lá senti na pele o desespero e a raiva de muitos jovens palestinos. Com a escola de música, quis dar aos habitantes de Ramallah a oportunidade de estudar e enriquecer sua bagagem cultural. Mas também tinha em mente outra coisa. Na Europa ou nos Estados Unidos, uma hora ao violino é apenas uma hora de estudo. Na Palestina, significa também uma hora longe da violência e do fundamentalismo.

> **"Richard Wagner foi um ser humano horroroso, mas era um grande artista. Existe também muita hipocrisia em relação à sua música. Não se pode tocar Wagner em Israel, mas CDs com as suas obras estão à venda, celulares tocam *A Cavalgada das Valquírias* e anda-se de Mercedes, um dos carros prediletos de Hitler"**

Veja — *O governo de Israel promoveu a retirada dos assentamentos judeus da Faixa de Gaza. Qual o alcance desse gesto?*

Barenboim — A devolução dessa terra aos palestinos é um acontecimento histórico e uma iniciativa muito importante, mas devemos ser cautelosos. Israel tem de ir adiante e desmontar outros assentamentos, na Cisjordânia. Depois disso, é preciso reconhecer que não há outro caminho para a paz senão compartilhar a casa. Tanto judeus quanto palestinos não conseguem aceitar que ambos os povos têm uma relação especial com aquele pedaço de terra, uma relação baseada na história, na filosofia, na religião. Essa cegueira deliberada já custou demais, é necessário encerrá-la. Mas sou otimista. Diria que passamos por um período de transformação que lembra uma obra de Schubert: tem passagens complicadas, às vezes você não sabe para onde a melodia vai — mas no fim tudo se resolve.

Veja — *Depois dos atentados em Londres, em julho, o governo inglês anunciou que vai endurecer suas leis de imigração. O que o senhor, que vem de uma família de imigrantes, acha desse tipo de medida?*

Barenboim — O imigrante precisa entender que o país que o recebe tem regras que devem ser obedecidas. Se eu convidasse alguém para morar na minha casa e dissesse que o almoço será sempre servido às 2 da tarde, nunca aceitaria que o sujeito assaltasse minha geladeira a qualquer hora. A contrapartida disso é o esforço de cada país para integrar as pessoas que chegam. Cito como um bom exemplo a imigração ocorrida na Argentina no século XIX. Vieram judeus, russos, sírios, e o governo os acolheu. Todos estudaram nas mesmas escolas e tiveram oportunidades semelhantes para progredir. A Europa, por outro lado, tem falhado tragicamente nessa tarefa de acolher os de fora. Os autores do atentado em Londres não saíram do Afeganistão para cometer aquela monstruosidade. Eles eram muçulmanos ingleses que se sentiam tratados como cidadãos de segunda classe. Não estou justificando o ato deles, mas qualquer ação contra o terrorismo terá de levar em conta esse fator da integração.

Veja — *O holocausto foi o fato central na história dos judeus no século XX. Como filho de judeus russos, como ele o atingiu?*